

Remix Ensemble

Casa da Música

Sian Edwards direcção musical

Carolin Widmann violino

17 Set 2019 · 19:30 Sala Suggia

MÚSICA NO FEMININO



casa da música



Maestrina Sian Edwards
sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/359835243>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
RESCUE
RESCUE
RESCUE

REMA
REMA
REMA
REMA

EUROPE JAZZ NETWORK
EUROPE JAZZ NETWORK
EUROPE JAZZ NETWORK
EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO
EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

1ª PARTE

Ângela da Ponte

State of(f) Emergencies, para ensemble e electrónica (2019; c.10min)*

Kaija Saariaho

Graal Théâtre, para violino e ensemble (1994; c.25min)

2ª PARTE

Rebecca Saunders

Scar, para 15 solistas e maestro (2018-19; c.19min)**

Unsusuk Chin

Gougalon, cenas de um teatro de rua (2009/2011; c.24min)

1. *Prologue – Dramatic Opening of the Curtain*
2. *Lament of the Bald Singer*
3. *The Grinning Fortune Teller with the False Teeth*
4. *Episode between Bottles and Cans*
5. *Dance around the shacks*
6. *The Hunt for the Quack's Plait*

*Estreia mundial; encomenda Casa da Música.

**Estreia em Portugal; encomenda Casa da Música, Acht Brücken/Musik für Köln com o apoio da Ernst von Siemens Music Foundation, Birmingham Contemporary Music Group & contribuições individuais para o "Sound Investment Scheme", Huddersfield Contemporary Music Festival e Festival d'Automne à Paris.

Ângela da Ponte

PONTA DELGADA, 13 DE ABRIL DE 1984

State of(f) Emergencies, para ensemble e electrónica

“Ela [a utopia] está no horizonte – disse Fernando Birri –. Se eu caminho 2 passos, ela afasta-se 2 passos. Caminho 10 passos e o horizonte corre mais 10 passos. Por muito que caminhe nunca a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.”

— Eduardo Galeano,
in *Las palabras andantes?* (1993)

State of(f) Emergencies engloba em si dois conceitos opostos.

O primeiro, a evocação do presente e a reacção a um viver em permanente estado de emergência que atravessa os diferentes aspectos da vida. As crises: o clima, a economia, as relações, os direitos, as fragilidades. Tudo por um fio.

Estes aspectos poderão ser sugeridos musicalmente pelas diferentes camadas instrumentais que criam um resultado contrapontístico complexo, sonoridades agressivas acrescidas de ruído que são somadas ao universo electrónico descontínuo e imprevisível.

O segundo, o direito a sonhar, ao delírio, *sem* estados de emergência, que procura a estabilidade e a serenidade. Este poderá ser traduzido musicalmente pela exploração de sonoridades mais leves, contidas, como os sons eólicos dos sopros, ou o *collegno* nas cordas, convidando o ouvinte a um estado mais introspectivo.

ÂNGELA DA PONTE

Kaija Saariaho

HELSÍNQUIA, 14 DE OUTUBRO DE 1952

Graal Théâtre, para violino e ensemble

O título de *Graal Théâtre* provém de um livro com o mesmo título de Jacques Roubaud. Enquanto trabalhava no meu Concerto para violino, o livro inspirou-me indirectamente de duas formas: em primeiro lugar, o título expressa a tensão que sinto existir entre os esforços do compositor quando escreve música e o aspecto técnico da execução, especialmente no caso de um concerto, em que o solista desempenha um papel muito importante, tanto fisicamente como musicalmente. A interpretação de Roubaud da velha lenda com o seu exemplo muito pessoal encorajou-me também a realizar algo que há muito tempo julgava impossível: trazer para o meu enquadramento e a minha linguagem musical uma ideia do concerto para violino, um género com tantas obras-primas emocionantes e perspicazes.

A fonte de inspiração inicial para a peça foi a forma de tocar e a musicalidade de Gidon Kremer, a quem a peça é dedicada.

Quando comparada com outras obras que escrevi, *Graal Théâtre* é a excepção numa longa lista de peças em que combino instrumentos acústicos com algum tipo de electrónica. Ao contrário dessas obras mais antigas, aqui o meu ponto de partida foi o som delicado do violino e a sua interacção com a orquestra.

KAIJA SAARIAHO

Tradução: Fernando P. Lima

Rebecca Saunders

LONDRES, 19 DE DEZEMBRO DE 1967

Scar, para 15 solistas e maestro

scar

n. 1. Tecido fibroso de conexão que permanece na pele ou no interior de tecido corporal, onde uma ferida, queimadura ou inflamação sarou.

2. Um penhasco alto e escarpado ou uma elevação rochosa.

v. 1. trans. Marcar com uma ou mais cicatrizes; provocar lesões duradouras **a. 2.** intrans. Tornar-se marcado com cicatriz.

ME *skere*, ON *sker*, *skera*, OF *escharre*, GK *eskhara*

Scar: estigma, cicatriz, lesão, nevo, trauma, marca de pústula e sinal reentrante na pele – arruinado, uma marca diferenciadora.

Memória ou história entranhada na pele: traçando uma possível ferida.

A implicação da violência, desfigurada.

A superfície imperfeita, arestas gastas, fendas superficiais.

Silêncio é a tela na qual o peso do som deixa a sua marca.

Em *Scar*, o som rasga a superfície do silêncio, ou descola a pele, faz *zoom in* e cai no submundo – procurando o obscuro, aquele que repousa no interior.

E uma única citação do artista britânico Ed Atkins descreve alguns dos assuntos que me preocupavam enquanto escrevia *Scar*:

“Esta vingança corporal. Um desfazer de graça genuíno, concertado e sistemático. Cada promessa veio a revelar-se demasiado tarde como uma puta de uma mentira mal contada. A promessa de intimidade e a promessa de beleza arrancadas revelando uma besta pasmada e hiper-real. Perfeição apenas sonogada por aquela pequena quantidade de branco do amanhecer invasor sob a porta e o despertar iminente. Quando tudo isto possa estar desinteressadamente enterrado cravejado na gaveta de roupa interior da linguagem e um arranque de velocidade animista...”

— Ed Atkins, “US DEAD TALK LOVE”,
in *A primer for Cadavers* (2016)

REBECCA SAUNDERS

Tradução: Fernando P. Lima

Unsusuk Chin

SEUL, 14 DE JULHO DE 1961

Gougalon, cenas de um teatro de rua

O título “Gougalon” deriva do alto-alemão antigo. Inerentes ao título estão os seguintes significados: *vendar os olhos; fazer gestos ridículos; ludibriar alguém com pretensa magia; ler a sorte.*

O título refere-se a um momento proustiano que vivi – completamente inesperado – durante a minha primeira estadia na China: em 2008 e 2009 visitei Hong Kong e Guangzhou, entre outros lugares. A atmosfera das zonas residenciais antigas e pobres, com as suas vielas estreitas, vendedores ambulantes de comida e pequenos mercados – tudo isto muito perto de ecrãs gigantes, edifícios ultramodernos, e centros comerciais a brilhar – fez-me recordar momentos da minha infância há muito tempo esquecidos. Lembrou-me muito a cidade de Seul nos anos sessenta, do período após a guerra da Coreia e anterior à modernização radical. De condições que hoje em dia já não existem na Coreia do Sul.

Lembrei-me, em particular, de uma trupe de saltimbancos que vi por diversas vezes quando era criança, num subúrbio de Seul. Estes músicos e actores amadores viajavam de terra em terra para venderem às pessoas remédios caseiros – que na melhor das hipóteses não causavam nenhum efeito. Para entreter os habitantes de cada lugar, montavam uma peça de teatro com música e dança, dividida em várias cenas. (Recordo ainda que os argumentos rodavam à volta de amores não correspondidos e que terminavam invariavelmente com o suicídio da heroína.) O nível era muito amador e extremamente *kitsch*, mas, no entanto, originava emoções fortes entre os

espectadores: o que não é assim tão surpreendente se pensarmos que também era praticamente o único tipo de entretenimento num dia-a-dia marcado por grande pobreza e estruturas repressivas. Brinquedos e entretenimentos com electrónica (já para não falar de Arte) eram, obviamente, desconhecidos. Assim, toda a vila estava presente neste “grande acontecimento”, uma circunstância de que todos queriam beneficiar: videntes, vendedores ambulantes e charlatões. Entre estes estavam também os negociantes de perucas, a quem as jovens podiam vender, para levar algum dinheiro para as famílias, as suas próprias tranças e rabos-de-cavalo.

Gougalon não se refere directamente a esse teatro de rua miserável e diletante. As recordações acima descritas servem apenas de moldura, assim como os nomes de cada andamento não pretendem ser ilustrativos.

Esta peça é sobre um “imaginário de música folclórica” que é estilizado, quebrado em si próprio, e apenas aparentemente primitivo.

UNSUK CHIN

Tradução: Howard Weiner/Fernando P. Lima

Sian Edwards direção musical

Sian Edwards estudou no Royal Northern College of Music e com A. I. Musin no Conservatório de Leninegrado. É regente da cadeira de Direção de Orquestra na Royal Academy of Music. Trabalhou com muitas das principais orquestras do mundo, incluindo as Filarmónicas de Los Angeles e Cleveland, a Orquestra de Paris, o Ensemble Orchestral de Paris, as Sinfónicas de Berlim e Viena, a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a MDR Leipzig, a Sinfónica da Rádio Finlandesa, as Filarmónicas de Roterdão, São Petersburgo e Real da Flandres, a Sinfonietta de Londres, a Hallé e a Sinfónica da Cidade de Birmingham. Tem uma relação próxima com o Ensemble Modern na Alemanha.

Trabalhou em todos os grandes teatros de ópera do Reino Unido e fez a sua estreia operática em 1986, dirigindo *Mahagonny* de Weill para a Ópera Escocesa, e a sua estreia na Royal Opera House em 1988, com *The Knot Garden* de Tippett. De 1993 a 1995 foi Directora Musical da Ópera Nacional de Inglaterra, com um repertório do qual fizeram parte *Khovanshchina*, *Jenufa*, *Dama de Espadas* e *Blond Eckbert*. Ainda no âmbito da ópera, apresentou-se em Munique, Opéra Comique, Frankfurt, Copenhaga, Helsínquia, Viena e Aspen.

Dos seus compromissos recentes e futuros constam actuações com o Ensemble Modern, as Sinfónicas da Rádio Bávara, SWR de Freiburg e Kuopio, a Filarmónica de Turku, o Klangforum Wien, a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Sinfónica da Galiza, o Musikfabrik, a Landesjugendorchester Berlin, a Deutscher Musikrat, a Jyväskylä Sinfonia, a Sinfónica de Sonderjyllands, a Orquestra Jovem da Palestina, a Filarmónica de Nagoya, a Sinfónica de São Paulo, a Filarmónica de Câmara de São

Petersburgo, a Filarmónica de Turku, a Milton Keynes City Orchestra, a Orquestra Jovem de Edimburgo, a Royal Philharmonic Orchestra, a Orquestra Nacional BBC de Gales, a Sinfónica Siciliana, o Conservatório Real da Escócia e a Orquestra Nacional Russa, bem como participações nos BBC Proms (2014) e digressões a Singapura, com a Sinfonietta de Londres, e ao Festival Internacional de Edimburgo.

Entre os seus compromissos no âmbito da ópera destacam-se *The Rape of Lucretia* e *La Traviata* (Theater an der Wien), *Aida* (Ópera Real Sueca), *Orfeu no Inferno* (Ópera Nacional de Inglaterra), *Katya Kabanova* e *Iolanta* (Opera Holland Park), *Katya Kabanova* (Opera North), *The Rake's Progress* e *O Castelo do Barba Azul* (Ópera Escocesa), *Nothing* de David Bruce (Glyndebourne), *The Tempest* de Adès (Ópera de Frankfurt), as estreias mundiais de *Coraline* de Turnage e *Through His Teeth* de Luke Bedford (Royal Opera House Covent Garden) e uma apresentação do *Rei Príamo* de Tippett no Festival de Brighton.

Carolín Widmann violino

Instrumentista incrivelmente versátil, Carolín Widmann explora o repertório desde os grandes concertos clássicos às novas encomendas. Apresenta-se também em recitais a solo, em música de câmara e com instrumento de época. Por vezes dirige e é solista ao violino em simultâneo.

Widmann foi distinguida com o Bayerischer Staatspreis para Música em 2017. Recebeu ainda um International Classical Music Award (categoria de Concerto) para a sua gravação, aclamada pela crítica, dos Concertos para violino de Mendelssohn e Schumann com a Orquestra de Câmara da Europa (ECM, 2016), que dirigiu a partir do violino.

Considerada “Músico do Ano” nos International Classical Music Awards de 2013, colaborou com algumas das principais orquestras do mundo e com maestros de renome. Participou também em festivais amplamente conhecidos como Berliner Festspiele, Salzburgo, Lucerna, Festival d’Automne Paris, Ravinia e Mecklenburg-Vorpommern. Durante a temporada de 2014/15, foi artista residente na Alte Oper Frankfurt, o que incluiu numerosos recitais e actuações de câmara, bem como um projecto em que assumiu a dupla função de tocar e dirigir a Akademie für Alte Musik Berlin.

Entre os pontos altos da temporada de 2019/20 incluem-se os regressos como convidada à Sinfónica Alemã de Berlim, à Filarmónica de Dresden, à Sinfónica BBC de Londres, à Orquestra NDR da Elbphilharmonie (Hamburgo) com Alan Gilbert e ao Beethovenfest Bonn. Regressa à Sinfónica de São Paulo para um projecto em que toca e dirige, bem como à Alte Oper Frankfurt para a sua estreia em violino barroco com a Accademia Bizantina. Ainda nesta temporada estreia-se com a

Orquestra de Câmara de Paris, a Filarmónica de Los Angeles, as Orquestras de Câmara Mahler, Escocesa e Orpheus – com esta faz o seu primeiro concerto em Nova Iorque.

Prolífica no âmbito da música de câmara, apresenta-se regularmente nos principais palcos. Em 2018/19, embarcou em digressões à América do Norte e do Sul, tendo ainda voltado à Konzerthaus de Viena para um recital inteiramente dedicado a Beethoven, como parte das celebrações dedicadas ao compositor. Recentemente, fez a estreia mundial do Concerto n.º 2 de Jörg Widmann no Suntory Hall (Tóquio).

A discografia de Carolín Widmann tem-lhe rendido prémios como o Diapason d’Or, e o Prémio da Crítica Discográfica Alemã. Em 2006, a sua gravação de estreia, *Reflections I*, foi a Escolha do Ano da Crítica pela Associação de Prémios da Crítica Discográfica Alemã. Gravou o Concerto para violino de Morton Feldman, com a Sinfónica da Rádio de Frankfurt e a direcção de Emilio Pomarico (2013).

Widmann tem um interesse especial na ligação a outras manifestações artísticas. Tocou em concertos coreografados com a Sasha Waltz Company, fez um recital a solo num estádio de futebol em Frankfurt, num projecto com curadoria do arquitecto Daniel Libeskind, e concebeu programas para concertos em museus. Em Março de 2019, fez parte de um projecto com a artista Marina Abramović.

Carolín Widmann nasceu em Munique e estudou com Igor Ozim em Colónia, Michèle Auclair em Boston e David Takeno na Guildhall School of Music and Drama (Londres). Desde 2006, é professora de violino na Universidade de Música e Teatro Felix Mendelssohn Bartholdy de Leipzig. Toca um violino G. B. Guadagnini de 1782.

Remix Ensemble

Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de noventa obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts e Pedro Neves, entre outros.

No plano internacional apresentou-se em Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais da ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adap-

tada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Harrison Birtwistle, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Oscar Bianchi e Philip Venables.

A temporada de 2019 do Remix Ensemble é alimentada pelas residências artísticas de dois notáveis músicos europeus: Peter Eötvös, num programa que inclui a estreia portuguesa do melodrama *Secret Kiss*, uma encomenda da Casa da Música em parceria com outras instituições internacionais; e Jörg Widmann, como clarinetista e maestro. Apresenta obras de Ligeti ao lado do pianista Pierre-Laurent Aimard, do violoncelista Lucas Fels e do trompetista Aleš Klančar. Mais tarde, divide o palco com a maestrina Sian Edwards e a violinista virtuosa Carolin Widmann, num programa que estreia duas obras encomendadas a Rebecca Saunders e Ângela da Ponte. Regressa ainda à *Arte da Fuga* de Bach, na versão desafiante de Johannes Schöllhorn que já deu origem a um disco aclamado pela crítica.

O Remix tem dezassete discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
Corinna Canzian

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Imke Frank
Filipe Quaresma

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz
Telma Gomes

Trompete

Ales Klancar

Trombone

Ricardo Pereira

Acordeão

José Valente

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst
Vitor Pinho

Harpa

Carla Bos

Guitarra eléctrica

Bertrand Chavarria-Aldrete

PRÓXIMOS CONCERTOS

20 SET SEX · 21:00 SALA SUGGIA

MULHERES INCOMUNS

MÚSICA NO FEMININO

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

ELENA SCHWARZ direcção musical

CLAIRE HUANGCI piano

Obras de Louise Farrenc, Clara Schumann,
Lili Boulanger, Germaine Tailleferre e Joan Tower

28 SET SÁB · 10:00-18:00 SALA DE ENSAIO 1

ELECTRÓNICA XX

MÚSICA NO FEMININO

WORTEN DIGITÓPIA · SERVIÇO EDUCATIVO

CONCERTOS ACUSMÁTICOS · ENTRADA LIVRE

Obras de Daphne Oram, Delia Derbyshire e Kaija Saariaho

29 SET DOM · 18:00 SALA SUGGIA

VOZES NOSSAS

MÚSICA NO FEMININO

CORO INFANTIL CASA DA MÚSICA

SERVIÇO EDUCATIVO

RAQUEL COUTO direcção musical

Obras de Hildegard von Bingen, Katy Abbott, Sofia Sousa Rocha,
Lili Boulanger, Ângela da Ponte, Francine Benoit e Andrea Ramsey

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

